

# A co-pertença entre ser e fundamento em Heidegger

*The co-belonging among being and ground in Heidegger*

Victor Hugo de Oliveira Marques\*

---

**Resumo:** Consoante Heidegger, a inferência aristotélica, em certo modo, de por o ser como fundamento, por alguma razão não pode ser prescindida, pelo contrário, o ser dá-se como fundamento. A idéia que passou a representar o ser na qualidade de fundamento, de acordo com Heidegger, foi equivalente a idéia em que os escolásticos representaram Deus. Isto, portanto, assegurou a inserção da noção religiosa de Deus, objeto essencial da teologia, para dentro da filosofia, resultando na transformação da metafísica em *onto-teo-logia*. Para Heidegger, o ser é aquilo que manifesta o ente enquanto ente. A *causa sui*, assim pensada, não manifestaria originariamente o fundamento, haja vista que ela se refere ao ente e não ao ser. O que significa dizer que, o fundamento co-pertencente ao ser não pode ser determinado em caráter ôntico, mas deve ser tematizado a partir da diferença ontológica. Sendo assim, a idéia de fundamento em Heidegger é expressa mediante a compreensão do *λόγος* de Heráclito, i. é, aquele discurso que unifica o que está disperso e deixa chegar à linguagem as coisas tais quais elas se mostram na realidade. O fundamento é, neste âmbito, a unidade ontológica do ente enquanto ente. Há, então, do ponto de vista heideggeriano, não apenas uma inferência de caráter metafísico entre ser e fundamento, todavia, uma co-pertença ontológica, um movimento circular entre ambos, na medida em que, enquanto o ser se dá como fundamento, este, por sua vez, é condição ontológica de sua manifestação.

**Palavras-Chave:** Heidegger. Ontologia. Fundamento.

**Abstract:** According to Heidegger, the Aristotelian inference, in a sense, of being as foundation, for some reason, cannot be without, on the contrary, being giving up as a foundation. The idea which was representing the being as foundation, according to Heidegger, was equivalent to the idea that the scholastics represented God. This, therefore, secured the insertion of the religious notion of God, the essential object of theology into the philosophy, resulting in the transformation of metaphysics into onto-theo-logy. For Heidegger, being is that which expresses the beings as beings. The *causa sui*, well thought through, not originally manifested the ground, given that it refers to the entity and not to being. What does it mean that the ground belonging together to the being cannot be determined on an ontic character, but should be themed from the ontological difference. Thus, the idea of Heidegger's ground is expressed through the understanding of Heraclitus's *λόγος*, namely, that one speech that unifies what is dispersed and let's get to the language the things as they show themselves in reality. The ground is in this context, the ontological unity of beings as beings. There is, then, Heidegger's point of view, not just an inference of character between being and metaphysical foundation, however, ontological co-owned, a circular motion between them, in that while the being is given as a reason, this in turn, is the ontological condition of its manifestation.

---

\* Mestrando em Filosofia pela Universidade Federal de Goiás. E-mail: [vicgo@bol.com.br](mailto:vicgo@bol.com.br)

### Pressupostos da Questão

A metafísica aristotélica é caracterizada, primeiramente, pela busca das causas (*αἰτία*) e dos princípios (*ἀρχαί*). Ela, ainda, foi responsável pelo estudo do *ser enquanto ser* (*ὄν ᾗ ὄν*)<sup>1</sup>, ou seja, uma ciência capaz de reconhecer que *tudo que é* “possui uma natureza que lhe pertence apenas como ser”<sup>2</sup>. Mediante a isto, comenta Reale (2002)<sup>3</sup> que Aristóteles, ao tratar da Metafísica, faz a inferência da ontologia a partir da *aitiologia* (estudo das causas), ou mesmo, argumenta que tanto as causas quanto os princípios, por se comportarem como *princípios supremos*, são capazes de explicar não uma realidade em particular, mas a realidade enquanto tal<sup>4</sup>. Portanto, o ser – objeto da ontologia – satisfaria esta realidade na sua totalidade não como um atributo, e sim como algo essencial:

[...] como estamos procurando os primeiros princípios e as causas supremas, evidentemente deve haver algo a que eles pertençam como atributos essenciais [...] é do ser enquanto ser que também nós teremos de descobrir as primeiras causas<sup>5</sup>.

Com efeito, resta saber, que noção de ser se incluiria em tal propósito? “Em muitos sentidos se pode dizer que uma coisa é”<sup>6</sup>, diz Aristóteles. Concomitantemente, esta polivocidade de sentidos está vinculada a um único e fundamental sentido, que segundo ele, se refere a *οὐσία*, comumente traduzida por substância. Comentando Aristóteles, Ross (1979) explica que a *οὐσία* é uma espécie de ser no sentido mais estrito e mais completo, haja vista que todas as outras coisas apenas *são* simplesmente porque guardam alguma relação definida com a ela. Deste modo, o ser, enquanto tudo que é, se faz *um* e tudo que é *um*, só é pela unidade relacional com a *οὐσία*. Ela, portanto, é a referência principal para Aristóteles, pois, considerada como a natureza fundamental do qual todos os outros significados se referem estruturalmente: “é, portanto, como o *fundo do ser*”<sup>7</sup>. Neste sentido, a ontologia aristotélica, é

<sup>1</sup> Lembrando que tanto Parmênides quanto Heráclito, anteriormente a Aristóteles, já haviam travados disputas sobre o *ser* e o *dever*. (Nota. do Autor).

<sup>2</sup> ROSS, D. A metafísica de Aristóteles. In: ARISTÓTELES. *Metafísica* Trad. Leonell Vallandro. Porto Alegre: Globo, 1969, p.3.

<sup>3</sup> REALE, G. *Aristóteles Metafísica*. Sumário e Comentários. Trad. Marcelo Perine. São Paulo: Loyola, 2002, v. III, p.152.

<sup>4</sup> “A ‘sabedoria’ [que passou a se chamar Metafísica] não deve ser apenas a ciência ou conhecimento das causas, mas o conhecimento das causas primeiras ou mais universais [...] É o mais amplo de todos os conhecimentos e o mais difícil, já que sendo os seus objetos os mais universais, estão mais afastados que quaisquer outros dos sentidos; é também o conhecimento mais preciso porque seus objetos são os mais abstratos e os menos complexos; os mais instrutivos; o mais auto suficiente ou independente; e aquele a que mais autoridade assiste, porquanto é, inter alia, o conhecimento das causas finais de todas as coisas” (ROSS, D. A metafísica de Aristóteles. In: ARISTÓTELES. *Metafísica* Trad. Leonell Vallandro. Porto Alegre: Globo, 1969, p.1-2).

<sup>5</sup> ARISTÓTELES. *Metafísica*. Trad. Leonel Vallandro. Porto Alegre: Globo, 1969, Γ 1 1003a, 26-32.

<sup>6</sup> ARISTÓTELES. *Metafísica*. Trad. Leonel Vallandro. Porto Alegre: Globo, 1969, Γ 1003a, 33.

<sup>7</sup> REALE, G. *Aristóteles Metafísica*. Sumário e Comentários. Trad. Marcelo Perine. São Paulo: Loyola, 2002, v. III, p.154.

<i>intuitio</i>	ISSN 1983-4012	Porto Alegre	Vol.4 – Nº. 1	Julho 2011	p. 180-193
-----------------	-------------------	--------------	---------------	---------------	------------

ainda de algum modo, uma *usiologia*, um estudo da *obúsia*<sup>8</sup>. Esta dupla identificação do ser – tanto aitiologia como usiologia – proporcionou à tradição metafísica a possibilidade de, em certo sentido, compreender o “ser na responsabilidade da fundação”<sup>9</sup>.

Esta constatação aristotélica de uma possível relação entre ser e fundamento, para Heidegger, não é totalmente descartada, pelo contrário, “o ser dá-se como fundamento”<sup>10</sup>. Isto porque, para o mesmo, a tradição não deve ser compreendida e feita uso, enquanto aprisionamento do passado, senão para a “liberdade do diálogo com o que foi e continua sendo”<sup>11</sup>. De modo semelhante à *Ser e Tempo*, este diálogo apropriativo e transformador com a tradição, é o que ele denominou por: “destruição”<sup>12</sup>. A questão do ser, portanto, é para o mesmo, o “ponto de toque” entre a filosofia e o homem, sobretudo, o homem ocidental; já que a pergunta pelo ser possui sua origem no mundo grego, mas não somente isso. A história do ocidente, como um todo, co-participa da própria filosofia, como origem grega. A filosofia, enquanto filosofia, é ela mesma, a questão da própria existência ocidental<sup>13</sup>. Excetuando os devidos exageros heideggerianos, de fato, pensar o ser, é pensar a própria história ocidental, no que diz respeito à importância e a influência filosófica de vertente grega.

Não obstante, alega Heidegger que a modalidade discursiva nos primórdios gregos, caracterizada por um *discurso daditivo*, ou seja, que se dá por si mesmo, prescindindo de ulteriores representações; é “dirigida e dominada, na época de sua vigência na Modernidade Européia, por representações do cristianismo”<sup>14</sup>, sustentada anteriormente pela Idade Média. Isto quer dizer que, o modo originário da filosofia grega em seu discurso “apofântico”<sup>15</sup> – de deixar e fazer ver as coisas tais como elas mesmas são – ao ser compreendido na linguagem latina pelos medievos cristãos, foi acometido pelo processo de representação e objetivação, que engendrou aquilo que comumente Heidegger denomina por *encobrimento*. Para melhor expor este possível velamento, é necessário o uso

<sup>8</sup> REALE, G. *Aristóteles Metafísica*. Sumário e Comentários. Trad. Marcelo Perine. São Paulo: Loyola, 2002, v. III, p.155.

<sup>9</sup> DUBOIS, Christian. *Heidegger: introdução a uma leitura*. Trad. Bernardo Barros Coelho de Oliveira. Rio de Janeiro: Zahar, 2004, p.76.

<sup>10</sup> HEIDEGGER, M. *O princípio do fundamento*. Trad. Jorge Telles Meneses. Lisboa: Piaget, 1999, p.78.

<sup>11</sup> HEIDEGGER, Martin. Que é isto – a filosofia? In: *Conferências e escritos filosóficos*. Trad. Ernildo Stein. São Paulo: Abril Cultural, 1979a, p.15.

<sup>12</sup> HEIDEGGER, Martin. Que é isto – a filosofia? In: *Conferências e escritos filosóficos*. Trad. Ernildo Stein. São Paulo: Abril Cultural, 1979a, p.20.

<sup>13</sup> HEIDEGGER, Martin. Que é isto – a filosofia? In: *Conferências e escritos filosóficos*. Trad. Ernildo Stein. São Paulo: Abril Cultural, 1979a, p.16.

<sup>14</sup> HEIDEGGER, Martin. Que é isto – a filosofia? In: *Conferências e escritos filosóficos*. Trad. Ernildo Stein. São Paulo: Abril Cultural, 1979a, p.14.

<sup>15</sup> “[...] o que é dito na língua grega é, de modo privilegiado, simultaneamente aquilo que em dizendo se nomeia. Se escutarmos de maneira grega uma palavra grega, então seguimos seu *légein*, o que expõe sem intermediários. O que ela expõe é o que está aí diante de nós” (HEIDEGGER, Martin. Que é isto – a filosofia? In: *Conferências e escritos filosóficos*. Trad. Ernildo Stein. São Paulo: Abril Cultural, 1979a, p.16).

<i>intuitio</i>	ISSN 1983-4012	Porto Alegre	Vol.4 – Nº. 1	Julho 2011	p. 180-193
-----------------	-------------------	--------------	---------------	---------------	------------

de uma *fenomenologia hermenêutica*<sup>16</sup>, enquanto modo de dar-se do ser na história do pensamento ocidental; que a seu ver, compreende como o ser em sua originariedade – no “dar-se das coisas mesmas”<sup>17</sup> – foi assumindo outras determinações, velando, por sua vez, a sua co-respondência ao fundamento.

Ademais, é importante dizer que, este artigo, se trata do modo como Heidegger tematiza o fundamento em seus escritos tardios, ou seja, pós-anos 30, no qual, a empreitada da analítica do *Dasein* é revertida na *viragem (Kehre)*<sup>18</sup>. Para tanto, se utiliza como caminho desvelador, a seqüência de conferências de 1955 a 1957, a saber: *Que é isto – a filosofia?; O princípio da identidade e Constituição onto-teo-lógica da metafísica*<sup>19</sup>, bem como algumas intuições de suas aulas sobre *O princípio do fundamento* ministradas durante o semestre de inverno de 1955/56 na Universidade de *Freiburg im Breisgau*. Segundo o comentário de Stein (1979), apesar destas se constituírem em textos que estão inclusos na dita “segunda fase heideggeriana” – com respeito aos que controversamente não concordam com tal distinção – possuem por pressupostas, questões já trabalhadas na analítica existencial de *Ser e Tempo*, por exemplo: a questão do ser, a relação entre ser e o homem e a diferença ontológica. Ainda, as três conferências se aproximam pela temática do fundamento. Na primeira, a questão é pensada mediante a pergunta pelas razões que levaram o fundamento a se identificar com a causa. Já a segunda, questiona o que no ser corresponde a equivalência entre identidade e fundamento. E na terceira, o que favoreceu para que o fundamento fosse pensado como *causa sui* (causa de si). De

<sup>16</sup> “[...] a fenomenologia deve mudar de orientação, não mais se contentar em ser descrição do que se dá ao olhar, mas interrogação do dado que aparece, não mais como um espetáculo a ver, mas como um texto a compreender. Compreender, interpretar, já era aquilo que Dilthey, após Schleiermacher, fizera com a teoria sob o título de hermenêutica [...] A fenomenologia hermenêutica deverá, pois, decifrar o sentido do texto da existência, esse sentido que precisamente se dissimula na manifestação do dado”. (DARTIGUES, André. *O que é a fenomenologia?* 9. ed. Trad. Maria José J. G. de Almeida. São Paulo: Centauro, 2005, p.115).

<sup>17</sup> STEIN, E. *Compreensão e finitude*. Estrutura e movimento da interrogação heideggeriana. Ijuí: Unijuí, 2001, p.251).

<sup>18</sup> Segundo a maioria dos comentadores e estudiosos em Heidegger, existe um processo de continuidade e ruptura no estudo do mesmo. Pode-se, portanto, dizer da existência de um “primeiro” e um “segundo” Heidegger. Esta mudança, denominada comumente, “reversão ou conversão” (*Kehre*) se determina no fato de que não é a existência humana a porta de acesso ao ser, mas é este mesmo que torna possível a abertura para a compreensão da existência humana. Isto é, Heidegger em sua segunda fase, abandona a analítica do *Dasein* enquanto condição de possibilidade de compreensão do ser, projeto este, tão caro em *Sein und Zeit* (1927), que não fora concluída, para se debruçar sobre o próprio ser. Para o “segundo” Heidegger, mais importante que tentar determinar de que modo o ser pode se manifestar nas relações existenciais, é demonstrar o quanto na história do pensamento ocidental se aprofundou este esquecimento. Ao fazê-lo, imediatamente se refere ao ser, pois, “radica na essência do ser, que quando o desocultar-se assim se desoculta, pertence a este desocultar-se um ocultar-se, isto é, um retirar-se” (HEIDEGGER, M. *O princípio do fundamento*. Trad. Jorge Telles Meneses. Lisboa: Piaget, 1999, p.105). O próprio Heidegger critica sua obra de 1927 *Sein und Zeit*. Na Introdução de 1949 ao texto *Was ist Metaphysik?* Heidegger afirma a respeito de *Sein und Zeit*: “Em Ser e Tempo ‘ser’ não é outra coisa que ‘tempo’, na medida em que ‘tempo’ é designado como pré-nome para a verdade do ser, pré-nome cuja verdade é o acontecimento (*wesende*) do ser e assim o próprio ser”. (HEIDEGGER, *Que é Metafísica?*. In: *Conferências e escritos filosóficos*. Trad. Ernildo Stein. São Paulo: Abril Cultural, 1979e, p.60)

<sup>19</sup> As três conferências, *Que é isto – a filosofia?; O princípio da identidade e a Constituição onto-teo-lógica da metafísica*, foram proferidas respectivamente em agosto de 1955, junho de 1957 e fevereiro de 1957. (Nota do Autor).

<i>intuitio</i>	ISSN 1983-4012	Porto Alegre	Vol.4 – Nº. 1	Julho 2011	p. 180-193
-----------------	-------------------	--------------	---------------	---------------	------------

modo breve, Heidegger quer compreender porque a metafísica *essencializou* o ser do ente, velando-o de sua aparição originária. É mediante este caminho heideggeriano de compreensão da temática do fundamento que seguirá o presente artigo.

### A identificação metafísica do fundamento como causa

Por princípio, toma-se o diálogo que Heidegger faz com os gregos, sobretudo, no que diz respeito à discussão sobre a noção de filosofia, encontrada em sua conferência *Que é isto – a filosofia?*. De acordo com o filósofo alemão, o pensamento grego era constituído a partir do *λόγος*, que, por sua vez, se refere ao verbo grego *λέγειν*, que significa *a fala*. Observa ainda Heidegger, que o *λέγειν*, a fala, em sua constituição mais originária, “diz sem intermediários”<sup>20</sup>, ou seja, não se dá por representação. O que significa dizer que não necessita de uma subjetividade que o represente, como asseverou a metafísica da modernidade. Este modo não-representativo da fala grega de acesso *imediato* ao mundo foi considerado por Heidegger o núcleo da compreensão dos *pensadores originários*, a saber: Heráclito e Parmênides, pois eles ainda não podiam ser chamados de “filósofos”<sup>21</sup>.

Ademais, o *λόγος* originário grego designava o recolhimento do ente no ser, era aquele falar que harmonizava a totalidade do ente em unidade com o ser, semelhantemente à compreensão do “*ἐν πάντα*” (Um [é] Tudo) encontrado no fragmento 50 de Heráclito. Deste modo, o ser se dava para a compreensão no *λόγος*, este discurso que recolhe o ente em sua harmonia com o ser. Efetivamente, esta unidade não duraria por muito tempo. O movimento de saída da correspondência do ser do ente com o *λόγος* acontece, segundo Heidegger, quando, interpelados pelas contendas dos sofistas, que possuíam explicações compreensíveis a todos, os pensadores originários tiveram de se auto-determinarem “Filósofos”<sup>22</sup>. Isto significa dizer que a antiga harmonia entre os entes recolhidos no ser co-existentes no discurso grego, na qualidade de *λόγος*, é transposta em “aspiração pelo *σοφόν*”<sup>23</sup>. A contraposição aos sofistas, portanto, forneceu razões aos “filósofos” para que o ser pudesse estar posto

<sup>20</sup> HEIDEGGER, Martin. *Que é isto – a filosofia?* In: *Conferências e escritos filosóficos*. Trad. Ernildo Stein. São Paulo: Abril Cultural, 1979a, p.16.

<sup>21</sup> HEIDEGGER, Martin. *Que é isto – a filosofia?* In: *Conferências e escritos filosóficos*. Trad. Ernildo Stein. São Paulo: Abril Cultural, 1979a, p.17.

<sup>22</sup> “A palavra grega *philosophía* remonta à palavra *philosophos*. Originariamente esta palavra é um adjetivo como *philárgyros*, o que ama a prata, como *philótimos*, o que ama a honra. A palavra *philosophos* foi presumivelmente criada por Heráclito. Isto quer dizer que para Heráclito ainda não existe a *philosophía*.” (HEIDEGGER, Martin. *Que é isto – a filosofia?* In: *Conferências e escritos filosóficos*. Trad. Ernildo Stein. São Paulo: Abril Cultural, 1979a, p.17).

<sup>23</sup> HEIDEGGER, Martin. *Que é isto – a filosofia?* In: *Conferências e escritos filosóficos*. Trad. Ernildo Stein. São Paulo: Abril Cultural, 1979a, p.17.

<i>intuitio</i>	ISSN 1983-4012	Porto Alegre	Vol.4 – Nº. 1	Julho 2011	p. 180-193
-----------------	-------------------	--------------	---------------	---------------	------------

na base de uma aspiração que guiaria o pensamento filosófico, algo já não mais dado na harmonia do *λόγος*, e sim, algo a ser buscado.

Por conseguinte, Heidegger entende que tanto Sócrates como Platão, no embate com os sofistas, tentando preservar a originariedade do *λόγος* grego, colocaram como preocupação essencial de toda a filosofia a pergunta pelo ser. Esta mudança, posteriormente, é confirmada por Aristóteles quando este afirma: “E, em verdade, a questão que outrora se levantou, que ainda hoje é levantada e sempre o será, que sempre é matéria de dúvida – a saber, o que é o ser [...]”<sup>24</sup>. Isto confirma não somente a passagem do dado imediato na linguagem grega para designar algo ainda a ser acessado, mas também que a harmonia do ser no *λόγος* é substituída pela busca de um ente (tomado como ser) que subjaz a todos os entes, ou seja, a *οὐσία*. Pois, lembra Heidegger, que neste mesmo excerto, Aristóteles faz uma identificação entre a pergunta pelo ser e a pergunta pela *οὐσία*: “[...] a questão que outrora se levantou, que ainda hoje é levantada e sempre o será, que sempre é matéria de dúvida – a saber, o que é o ser – identifica-se com a questão: que é a substância?”<sup>25</sup>.

É por este motivo que Heidegger compreende que a pergunta pelo ser feita pelos “filósofos” (Sócrates, Platão e Aristóteles) é, na verdade, a pergunta pela entidade, ou seja, pela substância: “O ser do ente consiste na entidade. Esta, porém – a *οὐσία* – é determinada por Platão como *idéa*, por Aristóteles como *enérgeia*”<sup>26</sup>. Com efeito, é bom lembrar que, como comenta Mariás (2000), existem grandes equívocos nas traduções dos principais conceitos aristotélicos. O conceito *οὐσία* é comumente traduzido por substância, i. é, aquilo que está debaixo, o que está de pé, ou mesmo aquilo que subjaz. Isto, explica Mariás (2000), é devido à tradução que Cícero fez para o latim. Na verdade, o termo latino *substantia* é tradução de outro termo aristotélico: *hypostasis* e *hipokeimenon*. O termo *οὐσία*, originariamente, quer dizer: “os bens, a fortuna, as propriedades de algo”<sup>27</sup>, ou seja, se refere àquilo que uma coisa possui. Assim como Mariás, também já havia alertado Heidegger (2006) sobre o mesmo equívoco. O ensaio *Ciência e pensamento de sentido* (1953) mostra que as traduções dos termos originários gregos para o latim provocaram verdadeiros equívocos de compreensão resultando naquilo que se eternizou por metafísica, ou seja, como ele mesmo assevera em *Ser e Tempo*, houve o *esquecimento do ser* e sua conseqüente tomada pelo ente.

Sendo assim, prossegue Heidegger, a *σοφόν* heraclitiana que se harmonizava no *λόγος* é transposta para a *επιστήμη θεωρητικέ* aristotélica, na qual perscruta o ser na condição de *aitiologia*, i. é, a pergunta fundamental grega, a questão do ser, é inferida a partir da busca das causas. Isto, mais uma

<sup>24</sup> ARISTÓTELES. *Metafísica*. Trad. Leonel Vallandro. Porto Alegre: Globo, 1969, Z 1 1028b, 2ss.

<sup>25</sup> ARISTÓTELES. *Metafísica*. Trad. Leonel Vallandro. Porto Alegre: Globo, 1969, Z 1 1028b, 2ss.

<sup>26</sup> HEIDEGGER, Martin. Que é isto – a filosofia? In: *Conferências e escritos filosóficos*. Trad. Ernildo Stein. São Paulo: Abril Cultural, 1979a, p.18.

<sup>27</sup> MARIÁS, Julián. Aristóteles. Conferência do curso: *Los estilos de la filosofía*. 2000. [Online] Disponível em <<http://www.hottopos.com/mirand11/jmariast.htm>>. Acesso em: 24/02/2011, p.4.

<i>intuitio</i>	ISSN 1983-4012	Porto Alegre	Vol.4 – Nº. 1	Julho 2011	p. 180-193
-----------------	-------------------	--------------	---------------	---------------	------------

vez, confirma o fato de que a sabedoria (*σοφόν*) cultivada pelos pensadores originários é pensada por Aristóteles como *filosofia*. Esta passagem a pouco elucidada não é apenas a mudança de um estágio do pensamento a outro, e sim, a passagem que vincula a compreensão do ser tanto a uma aitiologia (estudo das causas) quanto a uma usiologia (estudo da *οὐσία*), ao passo que tal inferência atrelou a questão do ser à questão de fundamento. Contudo, a noção de ser dada por Aristóteles, critica Heidegger, não justificaria tal aproximação. Ora, se o modo de compreensão do ser, a partir das causas e da substância, foi a condição de possibilidade para um pensar fundamentado, que problemas há nesta relação – entre ser e fundamento – para que Heidegger rejeite tal possibilidade?

Em *Ser e Tempo*, Heidegger alega que o problema da categoria aristotélica substância aparece mais claramente na modernidade quando Descartes a toma em termos cristãos de *ens creatum* para determinação tanto da *res cogitans* quanto da *res extensa*, na qualidade de fundamento. Neste sentido, o problema da fundamentação mediante a substância, está no fato de que ela por ser um ente não necessário em si mesmo, necessita de um outro ente cuja substância seja *per si*. Esta substância necessária em si mesma é transferida para Deus. Logo, tanto a *extensio* quanto Deus são entes que acabam possuindo determinações comuns, i. é, tem como fundamento o ser pensado como substância. Esta determinação comum, a partir do ser de ambos os entes, sendo um finito e outro infinito, não é especificada por Descartes, explica Heidegger. Dizer “Deus é” não é o mesmo que o “mundo é”, mesmo assim tais proposições são ditas. Uma possível solução para este impasse, Heidegger lembra, foi proposto já pelos escolásticos que afirmavam uma *analogia do ser* entre os entes, baseada na metafísica aristotélica.

Porém, na visão heideggeriana, Descartes não conseguiu esclarecer os fundamentos da universalidade do ser que se aplicava aos entes finitos e ao ente infinito. Isto, para Heidegger, é a tomada do ôntico pelo ontológico, “porque o ôntico deve ser sustentado pelo ontológico, a expressão substância exerce significado ora ôntico ora ontológico, principalmente sobre uma desfocada importância do ôntico-ontológico”<sup>28</sup>. Se isto se comprova, questiona Heidegger: “Em que sentido é pensado o ser para que as coisas tais como razão e causa sejam apropriadas para caracterizarem e assumirem o sendo-ser do ente?”<sup>29</sup>. Neste sentido, há problemas em pensar o ser como fundamento na medida em que o ser se caracteriza pela busca das causas (aitiologia) e com a substância (usiologia), pois se assim o é, de que modo a causa ou a substância é fundamento? Isto ainda implica dizer que a pergunta pelo ser já não pode ser mais vista num contexto realista, como se ele existisse independente do homem, como pensava a tradição metafísica aristotélica e medieval. É forçoso, para Heidegger, na

<sup>28</sup> HEIDEGGER, M. *Sein und Zeit*. Disponível em: <http://kosilova.textdriven.com/narod/studia4/suz.pdf>. Acesso em: 11/11/2009, p.92. (Tradução nossa).

<sup>29</sup> HEIDEGGER, Martin. Que é isto – a filosofia? In: *Conferências e escritos filosóficos*. Trad. Ernildo Stein. São Paulo: Abril Cultural, 1979a, p.18.

<i>intuitio</i>	ISSN 1983-4012	Porto Alegre	Vol.4 – Nº. 1	Julho 2011	p. 180-193
-----------------	-------------------	--------------	---------------	---------------	------------

pergunta pelo ser, distinguir as condições ontológicas de possibilidade para açambarcar a própria pergunta que acessa o ser.

### A identificação metafísica do fundamento como identidade

Por segundo, o diálogo heideggeriano com a proposição do *princípio de identidade* ( $A=A$ ), discute de que modo o ser deve ser compreendido, enquanto identidade, no fundamento. A partir da conferência *O princípio da identidade* de 1957, Heidegger apresenta a importância da mudança no conceito de identidade que fora tematizada pelo idealismo alemão de Hegel. Na medida em que a identidade se apresenta mediada por uma relação *com* ela mesma (pois,  $A$  só é  $A$ , *con-sigo* mesmo), e não mais em sua proposição metafísica de mera mesmidade dos entes ( $A=A$ ), o princípio de identidade, deste modo, velaria uma relação *sintética* da “união numa unidade”<sup>30</sup>. Neste sentido, Heidegger dá créditos ao idealismo especulativo hegeliano por ter desvelado a mediação na constituição da identidade, que até então era encoberto por uma pura abstração da mesma. Com efeito, esta *união na unidade*, ao contrário de Hegel, não tem uma função dialética para a constituição da identidade; mas, fenomenologicamente, diz respeito tanto à diferença ontológica quanto à unidade do ente no ser. Pois, a fórmula  $A=A$ , de algum modo, encobre esta unidade ontológica de  $A$  é  $A$ , na medida em que ela apenas trabalha abstratamente a identidade dos entes. Isto implica dizer que, na verdade, a identidade quer afirmar “como todo e qualquer ente é”<sup>31</sup>.

Pensado em sua originariedade, Heidegger compreende o apelo da identidade expressada pela fórmula  $A$  é  $A$ , pois agora ela diz tomando como referência o ser do ente, e não mais uma simples mesmidade ôntica de  $A=A$ . Isto pode ser melhor percebido, prossegue o mesmo, quando se volta a Parmênides, que enunciava a mesmidade entre pensar e ser<sup>32</sup>. O enunciado de Parmênides: *τὸ γὰρ αὐτὸ νοεῖν ἐστίν τε καὶ εἶναι* (o mesmo é pensar e ser), tem para Heidegger o seguinte significado originário: que *o mesmo*, ou seja, a identidade é ser no sentido de *pertencer ao* ser. Mas, não só ao ser, também ao pensar. Neste sentido, a identidade é o que faz a relação de co-pertença entre ser e pensar, i. é, há uma anterioridade de sentido no âmbito da identidade frente a ser e pensar. Portanto, não se trata de apenas

<sup>30</sup> HEIDEGGER, M. O princípio da identidade. In: *Conferências e escritos filosóficos*. Trad. Ernildo Stein. São Paulo: Abril Cultural, 1979b, p.179.

<sup>31</sup> HEIDEGGER, M. O princípio da identidade. In: *Conferências e escritos filosóficos*. Trad. Ernildo Stein. São Paulo: Abril Cultural, 1979b, p.180.

<sup>32</sup> “Pois bem, eu te direi – cuidas tu da palavra escutada – as únicas vias de indagação que são claramente vistas. A primeira, que é e que não é possível não ser, é o caminho de persuasão (pois segue a verdade). A outra, que não é e que é necessário não ser, um caminho, te digo, inteiramente impraticável. Pois, não conhecerias o não ente (não é possível) nem poderia, em palavras, dizê-lo. [...] pois, o mesmo é pensar e ser” (PARMÊNIDES. *Poema del Ser*. Fragmentos. [Online]. Disponível em: <www.4shared.com/.../Parmenides-Fragmentos-Del-Poem.html.> Acesso: 10/02/11, Frag. 2-3).

<i>intuitio</i>	ISSN 1983-4012	Porto Alegre	Vol.4 – Nº. 1	Julho 2011	p. 180-193
-----------------	-------------------	--------------	---------------	---------------	------------



um simples pertencer entre pensar e ser, senão um *comum-pertencer* (*Zusammengehörigkeit*) entre ser e pensar a partir da identidade. Originariamente, Heidegger propõe uma inversão, a identidade não aparece mais como um traço ou mesmo uma propriedade metafísica do ser, pelo contrário, o ser é um traço da identidade. Ela é o horizonte de compreensão do próprio ser em um *comum-pertencer* com o pensar. A identidade recolhe em seu âmbito tanto ser como pensar e estabelece a partir de si um *comum-pertencer* entre ambos.

Deste modo, a partir da intuição originária de Parmênides, o sentido do ser – na perspectiva de *Ser e Tempo* enquanto horizonte de compreensão do ser – é inferido como identidade, o *comum-pertencer* entre pensar e ser. Este *comum-pertencer*, no qual o pertencer determina aquilo que é comum, segundo Heidegger, desvela ainda a relação entre homem e ser, ao passo que, o pensar é co-pertencente ao homem, o pensar é constitutivo do homem. Tessitura Heidegger, se o *comum-pertencer* determina a relação recíproca entre homem e ser, então, este se dá como o horizonte de compreensão do fundamento. Isto porque, o fundamento que foi tematizado no racionalismo moderno a partir do *princípio de identidade* só possui este caráter, se pensado originariamente a partir do *comum-pertencer* entre homem e ser. Tal compreensão é fruto daquilo que Heidegger denomina por “salto” (*Sprung*)<sup>33</sup>, i. é, da ruptura do pensamento representante da metafísica que propunha o ser identificado com a identidade enquanto fundamento no qual todo ente se funda. O ser encoberto enquanto identidade inferida juntamente com a idéia de fundamento enquanto fundo do ente – *óvσία* – tende a cair num “abismo” (*Abgrund*), já que, heideggerianamente compreendido, o ser dá-se na abertura (*Da-sein*) do homem, num *comum-pertencer*. Se, mediante tal apresentação do ser, a mesmidade no fundamento é possível, o que se pode dizer do fundamento?

### A identificação metafísica do fundamento como Deus

Por terceiro, a conferência *Constituição onto-teo-lógica da metafísica* de 1957 trata justamente de como o fundamento perdeu seu estatuto originário se identificando com a *causa sui* (causa de si).

<sup>33</sup> “Para Heidegger o salto (*Sprung*) é a exigência feita ao pensamento que se propõe pensar a verdade do ser. O que ele intenta é romper radicalmente com a proposta da metafísica, e isto só é possível numa ruptura radical, sem possibilidades de linearidade ou progressividade do metafísico para o ontológico, como verdade do ser. Até os anos 30, Heidegger transitava lado a lado, tanto com Kant, como com Wittgenstein, nas determinações dos limites de acesso ao ser nos âmbitos da linguagem. Passado este período, e considerado um marco, Heidegger decide romper com a tradição pós-kantiana e tem a pretensão de abrir uma fenda entre o pensamento considerado por ele ainda muito metafísico para outra possibilidade do pensar esta fenda foi por ele denominado de salto (*Sprung*), passo para trás (*Schritt zurück*), transformação do pensar (*Verwandlung des Denkens*). Esta, por sua vez, é concomitantemente “bipolar”, pois procura ao mesmo tempo abrir uma fenda com a metafísica e seu modo de pensar e cair nela de modo a retomar o pensamento metafísico naquilo que ele não conseguiu manifestar de mais essencial e originário, a saber, o seu fundamento” (MARQUES, V. H. O. *O Abgrund (abismo) em Martin Heidegger*. Monografia (Especialização em Filosofia e Existência) – Universidade Católica de Brasília, Brasília, 2010, p.84).

<i>intuitio</i>	ISSN 1983-4012	Porto Alegre	Vol.4 – Nº. 1	Julho 2011	p. 180-193
-----------------	-------------------	--------------	---------------	---------------	------------

Nesta, Heidegger inicialmente trava um embate com Hegel sobre o modo como se dialoga com a história da filosofia. Ao contrário de Hegel, Heidegger não utiliza a *Aufhebung*<sup>34</sup>, ou seja, aquilo que Hegel considera enquanto modo especulativo de *negar e assumir* para que haja o avanço do pensamento. Em contraste, Heidegger parte daquilo que aquele denomina de “passo de volta”<sup>35</sup> (*Rückgang*), que pode ser compreendido como a ruptura com a tradição metafísica, bem como, com um mergulho na essência da mesma: “O pensamento recua diante de seu objeto, o ser, e põe o que foi assim pensado num confronto [...] enquanto lhe prepara, enfim, o âmbito de sua residência” (HEIDEGGER, 1979, p.192). A intenção deste caminho é, de algum modo, voltar o pensamento para ir de encontro à diferença ontológica relegada pela tradição metafísica no uso plurívoco do termo ser, e neste caso, partindo da crítica à *Aufhebung* que propunha o avanço do pensamento, “o passo de volta vai do impensado, da diferença enquanto tal, para dentro do que deve ser pensado” (HEIDEGGER, 1979d, p.193).

Assim, segundo Heidegger, o modo de explicitar o caráter metafísico de Hegel, na aplicação do *passo de volta*, é retomar sua obra *Ciência da Lógica* (1812). É a partir desta que Hegel abre o problema do fundamento. Problema este que implica necessariamente uma noção de ser. Em um pequeno texto posto no início desta obra intitulado *Qual deve ser o começo da ciência?*, Hegel apresenta o “problema do começo” das ciências e da filosofia, mas não só, com ele põe ainda, o problema de todo e qualquer começo. Sem adentrar nas minúcias e problemáticas travadas por Hegel neste texto bem como em todo seu pensamento, a conclusão hegeliana para o problema do começo é: se o puro ser deve constituir o imediato mesmo, sendo reconhecido como o *começo* e tem por mediação o puro saber como componente dialético (momento negativo), então o *começo* é necessariamente um resultado<sup>36</sup>.

Apesar da tese hegeliana afirmar o começo como um *resultado*, Heidegger nota que no final de seu texto sobre o começo – *Qual deve ser o começo da ciência?* – Hegel afirma: “y *Deus tendría el*

<sup>34</sup> “A categoria hegeliana da *Aufhebung*, ponto terminal do processo triádico e ponto de partida para o movimento em direção de nova síntese, vem em geral traduzido por supressão. Prefiro o termo sobressumir, em que melhor se preservam os três sentidos sublinhados por Hegel: tirar (*tollere*), elevar (*elevare*) e conservar (*conservare*)” (STEIN, E. Nota do tradutor. In: HEIDEGGER, M. *Conferências e escritos filosóficos*. Trad. Ernildo Stein. São Paulo: Abril Cultural, 1979, p.192).

<sup>35</sup> O passo de volta enquanto modo de diálogo com a história do pensamento, não é algo tão claro no pensamento heideggeriano. Isto implicou em interpretações equivocadas, das quais Heidegger mesmo tinha consciência. Por isso, Heidegger faz um alerta naquilo que se compreende por passo de volta: “Com esta explicação quer-se manter à distância a outra interpretação falsa da expressão ‘passo de volta’, que facilmente se insinua; a saber, a opinião de que o passo de volta consiste no retorno aos primeiros pensadores da filosofia ocidental. Sem dúvida, o ‘para onde ao qual conduz o passo de volta somente se desenvolve e se mostra através do exercício do passo’” (HEIDEGGER, M. A constituição onto-teo-lógica da metafísica. In: *Conferências e escritos filosóficos*. Trad. Ernildo Stein. São Paulo: Abril Cultural, 1979c, p.183).

<sup>36</sup> HEGEL, G. W. F. *Ciência da Lógica*. Trad. Augusta e Rodolfo Mondolfo. Buenos Aires: Solar, 1968, p.66.

<i>intuitio</i>	ISSN 1983-4012	Porto Alegre	Vol.4 – Nº. 1	Julho 2011	p. 180-193
-----------------	-------------------	--------------	---------------	---------------	------------

*derecho incontestable de que el comienzo se hiciera con él*<sup>37</sup>. Isto implica em dizer que, além do começo ser um resultado, Hegel também admitiria como ponto de partida das ciências o ente Deus, sem prejuízo aparente. Se Deus, sob alguma hipótese, pode ser posto como começo da ciência, esta por sua vez, só pode ser enquanto Teologia. Recorda o nosso filósofo ainda que a metafísica para os gregos possuía um duplo sentido: ontologia e teologia<sup>38</sup>, o que séculos mais tarde favoreceu a entrada de Deus na filosofia, justificando, ademais, a atitude hegeliana de possibilitar a Deus como começo. Esta indicativa aponta para o que Heidegger chama de caráter *onto-teo-lógico* da metafísica na modernidade. Com efeito, a metafísica se caracterizaria como onto-teo-logia, não somente pela bivalência do sentido metafísico grego, o que seria um mero simplismo, mas, também pelo modo como foi estruturado seu principal objeto: *o ser enquanto ser*. Tal caráter onto-teo-lógico metafísico, na medida em que suporta a inserção de Deus, torna-se, conseqüentemente, problemático, afirma Heidegger, não por uma crítica de viés ateísta, senão pela impropriedade do pensar a essência da metafísica.

Se Deus consegue entrar na filosofia, não seria menos improvável pensar que foi justamente pela própria concessão filosófica, já que, esta “por ser o livre engajar no ente enquanto tal é ela que determina que e como Deus entra dentro dela”<sup>39</sup>. Sendo assim, questiona Heidegger, de que modo a filosofia permitiu que Deus entrasse nela? A resposta a esta pergunta sugere novamente a relação inferida pela metafísica entre ser e fundamento. O ser foi aproximado à idéia de primeiro princípio ou causa última, enquanto fundamento das coisas existentes: “Pois, o ser do ente mostrou-se, desde o começo da Filosofia, e neste próprio começo como fundamento”<sup>40</sup>. Esta, logo, tornou possível sistematizar racionalmente a idéia religiosa de Deus, como *causa sui* (causa-se), o que se nota tanto na escolástica, quanto nos racionalistas modernos como Descartes, Spinoza Leibniz e, como visto, em Hegel, enquanto absoluto.

<sup>37</sup> “E Deus teria o direito incontestável de que o começo se fizesse com ele” (HEGEL, G. W. F. *Ciência da Lógica*. Trad. Augusta e Rodolfo Mondolfo. Buenos Aires: Solar, 1968, p.72). [Tradução nossa].

<sup>38</sup> A metafísica para Aristóteles é ontologia, pois, “Há uma ciência que investiga o ser como ser e os atributos que lhe são próprios em virtude de sua natureza” (ARISTÓTELES. *Metafísica*. Trad. Leonel Vallandro. Porto Alegre: Globo, 1969, Δ 1,103a, 21); bem como é teologia, quando, “ora, sói esta ciência [Metafísica] tem ambas as qualidades requeridas, pois, dizemos que Deus é uma das causas de todas as coisas, um dos primeiros princípios; e uma tal ciência, só Deus pode possuir, ou Deus mais do que qualquer outro” (ARISTÓTELES. *Metafísica*. Trad. Leonel Vallandro. Porto Alegre: Globo, 1969, A, 2, 983 a, 7-10).

<sup>39</sup> HEIDEGGER, M. A constituição onto-teo-lógica da metafísica. In: *Conferências e escritos filosóficos*. Trad. Ernildo Stein. São Paulo: Abril Cultural, 1979c, p.194.

<sup>40</sup> HEIDEGGER, M. O fim da filosofia e a tarefa do pensamento. In: *Conferências e escritos filosóficos*. Trad. Ernildo Stein. São Paulo: Abril Cultural, 1979d, 71.

<i>intuitio</i>	ISSN 1983-4012	Porto Alegre	Vol.4 – Nº. 1	Julho 2011	p. 180-193
-----------------	-------------------	--------------	---------------	---------------	------------

### A co-pertença originária entre ser e fundamento

Tendo traçado todo este percurso, o que se pode ainda considerar? A idéia de fundamento no qual o ser foi inferido, dentro do conjunto da história da metafísica é para Heidegger obscura, uma vez que não se estabelece o modo como as relações entre ontologia e fundamento se dão em seu ponto de toque, a saber, o ser. A noção de fundamento no qual o ser faculta ser inferido, considerada originariamente na perspectiva de Heidegger, não possui relações com a aitiologia, nem com a uisiologia, nem com a teologia; senão tem a ver com o pensamento grego heraclitiano. Ao contrário de outros, Heráclito não estava preocupado com a reflexão sobre o fundamento, se detia, antes de tudo, “naquilo que nos toca os ouvidos, os olhos, a língua, a pele, i. é, o sentido encontra-se no que sentimos”<sup>41</sup>. Seu discurso se perfaz no *λόγος*. Este termo, por sua vez, é tão equívoco quanto o ser em sentido aristotélico. Todavia, retomando Homero<sup>42</sup>, Heráclito privilegia a acepção deste termo a partir do “recolhimento”. Deste modo, *λόγος*, pode ser compreendido como reunião de coisas sob um determinado critério, sendo que, tais coisas, não se referem às palavras simplesmente, senão, do mesmo modo, a seres (entes).

O *λόγος* grego de vertente heraclitiana, tido como originário por Heidegger, é aquele que “deixa-estar-aí”<sup>43</sup>, ele recolhe fundando tudo no universal e recolhe tudo a partir do único. Este *recolher fundando*, em nada se assemelha à noção aristotélica de pôr tudo num substrato comum. Pelo contrário, é um discurso que no seu curso deixa-estar-aí os entes nele recolhidos tal qual eles são. O fundar é o próprio ato de ser recolhido, recolhido em uma linguagem que não é uma representação objetiva. O fundar é desvelar na linguagem aquilo que foi recolhido enquanto tal. A empreitada heideggeriana na tematização do fundamento, de modo geral, pode ser vista assim, como um “alargamento” da noção predicativa da metafísica moderna racionalista, remetendo-a a num nexos considerado mais originário, “que articula e congrega os primeiros níveis de inteligibilidade na abertura ao sentido que facticamente se é”<sup>44</sup>. O *λόγος* heideggeriano, ainda, recolhe não uma representação de objetos, que pode ser universalizada; mas numa perspectiva fenomenológica, recolhe a constatação fática do sentido e por isto mesmo, depara-se com a presença enigmática da finitude. Com efeito, a noção de fundamento em Heidegger é constituída mediante um horizonte de compreensão: “a adoção acrítica do fundamento como caráter transcendental do ser/modalidade

<sup>41</sup> SCHÜLER, D. *Heráclito e seus (dis)curso*. Porto Alegre: L&PM, 2001, p.15.

<sup>42</sup> “Logos designa muitas coisas. Homero emprega o verbo lego, da mesma raiz de logos, para o processo de recolher alimentos, armas e ossos, para reunir homens. Cada uma dessas operações implica comportamento criterioso; não se reúnem armas, por exemplo, sem as distinguir de outros objetos. Concomitantemente, logos significa uma reunião de coisas sob determinado critério” (SCHÜLER, D. *Heráclito e seus (dis)curso*. Porto Alegre: L&PM, 2001, p17).

<sup>43</sup> HEIDEGGER, M. A constituição onto-teo-lógica da metafísica. In: *Conferências e escritos filosóficos*. Trad. Ernildo Stein. São Paulo: Abril Cultural, 1979c, p.200.

<i>intuitio</i>	ISSN 1983-4012	Porto Alegre	Vol.4 – Nº. 1	Julho 2011	p. 180-193
-----------------	-------------------	--------------	---------------	---------------	------------

principal da manifestação”<sup>45</sup>. Isto implica em duas coisas: primeiramente, Heidegger não questiona a tradição metafísica no aspecto de se pensar ou não a real necessidade de se pôr um fundamento, i. é, ele simplesmente aceita a idéia de que tudo se move num fundamento. Por outro lado, muito mais que dizer o que é o fundamento, do ponto de vista *quiditativo*, como se portou toda tradição considerada metafísica, o mais importante é elucidá-lo em um horizonte de compreensão capaz de propiciar seu desvelamento. É pensar em suas condições de possibilidade, como algo mais fundamental que sua própria determinação, haja vista a recorrência dos equívocos de seus precedentes, depois de instalado o fundamento a necessidade de justapô-lo aos limites não tematizados previamente.

Por fim, a relação entre ser e fundamento, em Heidegger, é, com efeito, uma aceitação da intuição metafísica, desde que, não se compreenda que o ser é fundamento na acepção de “fundo do ente”, ou seja, o ser não é o *substratum* no qual o ente está assentado, como tematizou a tradição metafísica. A insistência nesta perspectiva, afirma Heidegger, como de fato ocorreu com o pensamento metafísico racionalista moderno, acarretou não uma determinação de um fundamento evidente, mas um “a-fundamento”, i. é, o ser na medida em que é inferido como fundamento, se “re-vela” como um abismo (*Abgrund*). Este abismo é em si mesmo prelúdio da inferência possível entre ser e fundamento. A indeterminabilidade do ser, não em sentido hegeliano (imediato indeterminado), mas caracterizado como o ser da diferença, o faz se relacionar com o fundamento em um paradigma distinto. Ele co-pertence ao fundamento na medida em que este é compreendido como um discurso recolhedor e unificador dos entes numa unidade que é o ser, é compreendê-los numa linguagem que os fundamente, não representando, mas desvelando-os enquanto tal.

Assim sendo, o comum-pertencer (*Zusammengehörigkeit*) entre ser e fundamento, apresenta e sustenta a circularidade entre ser e homem, na medida em que o homem é capaz de linguagem, linguagem esta presente em sua existência finita, que tem como único fundamento, um fundamento a-fundado (*Abgrund*), ou seja, a própria finitude. É, portanto, nesta perspectiva que se dá em Heidegger, a co-pertença entre ser e fundamento.

### Referências Bibliográficas

- ARISTÓTELES. *Metafísica*. Trad. Leonel Vallandro. Porto Alegre: Globo, 1969.  
 BLANC, Mafalda Faria. *O fundamento em Heidegger*. Lisboa: Piaget, 1984.  
 DARTIGUES, André. *O que é a fenomenologia?* 9. ed. Trad. Maria José J. G. de Almeida. São Paulo: Centauro, 2005.  
 DUBOIS, Christian. *Heidegger: introdução a uma leitura*. Trad. Bernardo Barros Coelho de Oliveira. Rio de Janeiro: Zahar, 2004.  
 HEIDEGGER, Martin. Que é isto – a filosofia? In: *Conferências e escritos filosóficos*. Trad. Ernildo Stein. São Paulo: Abril Cultural, 1979a.

<sup>44</sup> BLANC, Mafalda Faria. *O fundamento em Heidegger*. Lisboa: Piaget, 1984, p.183.

<sup>45</sup> BLANC, Mafalda Faria. *O fundamento em Heidegger*. Lisboa: Piaget, 1984, p.184.

<i>intuitio</i>	ISSN 1983-4012	Porto Alegre	Vol.4 – Nº. 1	Julho 2011	p. 180-193
-----------------	-------------------	--------------	---------------	---------------	------------

- \_\_\_\_\_. O princípio da identidade. In: *Conferências e escritos filosóficos*. Trad. Ernildo Stein. São Paulo: Abril Cultural, 1979b.
- \_\_\_\_\_. A constituição onto-teo-lógica da metafísica. In: *Conferências e escritos filosóficos*. Trad. Ernildo Stein. São Paulo: Abril Cultural, 1979c.
- \_\_\_\_\_. O fim da filosofia e a tarefa do pensamento. In: *Conferências e escritos filosóficos*. Trad. Ernildo Stein. São Paulo: Abril Cultural, 1979d.
- \_\_\_\_\_. Que é Metafísica?. In: *Conferências e escritos filosóficos*. Trad. Ernildo Stein. São Paulo: Abril Cultural, 1979e.
- \_\_\_\_\_. *Sein und Zeit*. Disponível em: <http://kosilova.textdriven.com/narod/studia4/suz.pdf>. Acesso em: 11/11/2009.
- \_\_\_\_\_. *O princípio do fundamento*. Trad. Jorge Telles Meneses. Lisboa: Piaget, 1999.
- \_\_\_\_\_. Ciência e pensamento de sentido. In: *Ensaio e Conferências*. 3. ed. Petrópolis: Vozes; Bragança Paulista: São Francisco, 2006.
- HEGEL, G. W. F. *Ciência da Lógica*. Trad. Augusta e Rodolfo Mondolfo. Buenos Aires: Solar, 1968.
- MARÍAS, Julián. Aristóteles. Conferência do curso: *Los estilos de la filosofía*. 2000. [Online] Disponível em <<http://www.hottopos.com/mirand11/jmariast.htm>>. Acesso em: 24/02/2011.
- MARQUES, Victor H. O. *O Abgrund (abismo) em Martin Heidegger*. Monografia (Especialização em Filosofia e Existência) – Universidade Católica de Brasília, Brasília, 2010.
- PARMÊNIDES. *Poema del Ser*. Fragmentos. [Online]. Disponível em: <[www.4shared.com/.../Parmenides-Fragmentos-Del-Poem.html](http://www.4shared.com/.../Parmenides-Fragmentos-Del-Poem.html)>. Acesso: 10/02/11.
- REALE, G. *Aristóteles Metafísica*. Sumário e Comentários. Trad. Marcelo Perine. São Paulo: Loyola, 2002, v. III.
- ROSS, David. A metafísica de Aristóteles. In: ARISTÓTELES. *Metafísica* Trad. Leonell Vallandro. Porto Alegre: Globo, 1969, pp.1-35.
- SCHÜLER, Donaldo. *Heráclito e seus (dis)curso*. Porto Alegre: L&PM, 2001.
- STEIN, E. *Compreensão e finitude*. Estrutura e movimento da interrogação heideggeriana. Ijuí: Unijuí, 2001.
- \_\_\_\_\_. Nota do tradutor. In: HEIDEGGER, M. *Conferências e escritos filosóficos*. Trad. Ernildo Stein. São Paulo: Abril Cultural, 1979.

<i>intuitio</i>	ISSN 1983-4012	Porto Alegre	Vol.4 – Nº. 1	Julho 2011	p. 180-193
-----------------	-------------------	--------------	---------------	---------------	------------